

A arte de resistir nos ensaios de

*Ernesto Sabato*¹

Margarete Hülsendeger²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Resumo

O ensaio ocupa um lugar de destaque como ligação e articulação entre o campo literário e o campo intelectual. O gênero, ao longo do tempo, tem dado mostras de uma crescente vitalidade e importância, em especial na América hispânica, onde tem passado por uma série de transformações que estão em sintonia com as novas demandas temáticas e formais. Nesse sentido, o ensaio tornou-se um projeto do qual participaram e participam grandes escritores e intelectuais, entre eles o argentino Ernesto Sabato. Seus ensaios, além de tratarem sobre questões relacionadas à literatura, apresentam temas de ordem social e política nos quais o autor coloca o leitor diante do desafio de repensar a condição humana na contemporaneidade. Embora o conceito de modernidade não apareça explicitamente em sua obra, ela está repleta de sensações, imagens e sentimentos que nos fazem refletir sobre o momento que vivemos e o estilo de vida que escolhemos. Neste artigo, analisaram-se alguns aspectos do pensamento de Ernesto Sabato presentes em diferentes ensaios, dando-se especial atenção àqueles nos quais o autor expressa sua preocupação com as mudanças operadas no cotidiano, nos valores e na sensibilidade dos indivíduos e dos povos nas últimas décadas.

Palavras-chave

Ernesto Sabato. Ensaio. Humanismo. Literatura. Ciência.

¹ Este texto é um recorte da tese de doutorado (HÜLSENDEGER, 2020) em Teoria da Literatura cujo objetivo geral foi investigar como a aversão ao espírito científico, manifestada por Ernesto Sabato em seus ensaios, transparece em sua obra ficcional. O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 [*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 00*].

² Mestra em Educação em Ciências e Matemática/PUCRS; Mestra em Teoria da Literatura/PUCRS; Doutora em Teoria da Literatura/PUCRS

“Não se faz arte (nem se sente) com a cabeça, mas com o corpo inteiro, com os sentimentos, os temores, as angústias e até os suores”.

(Ernesto Sabato)

Introdução

A escrita ensaística tem um compromisso que está além da simples organização textual, pois está ligada às condições concretas de sua produção discursiva e, portanto, a um horizonte de sentido inserido na relação do texto com o mundo. Por conta disso, o ensaísta tem responsabilidade não só sobre o que está escrevendo, mas também com a representação social no processo de simbolização cultural. Nesse sentido, o ensaio “não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório” (ADORNO, 2003, p. 27). Desse modo, o ensaio, em especial na América hispânica, tornou-se um projeto no qual colaboraram, e ainda colaboram, grandes escritores e intelectuais – Octavio Paz, Jorge Luis Borges, Ricardo Piglia, Mario Vargas Llosa, entre outros – que, “desde empresas culturais de marcas tão diferentes como *Cuadernos Americanos* do México ou o *Sur* na Argentina, coincidiram em uma tarefa de terra firme” (WEINBERG, 2007, p. 16, tradução nossa)³.

Quando Liliana Weinberg utiliza a expressão “ensaio de terra firme”, ela está se referindo ao momento no qual, após passar por uma série de transformações, o ensaio atingiu um equilíbrio que ajudou a consolidar o gênero na América Latina. Weinberg situa esse momento chave na primeira metade do século XX, principalmente nos anos 1940, enquanto outros teóricos veem esse século como “o século do ensaio”, pois ao longo dele manifestou-se, com mais clareza, o caráter indeterminado do gênero capaz de “sintetizar nos vários escritos em que se materializam as múltiplas manifestações textuais das quais procede e por meio dos quais se desenvolveu” (GIL-ALBARELLOS, 1998, p. 87, tradução nossa)⁴. De qualquer maneira, independente de datas ou períodos, o fato é que as mudanças observadas na escrita ensaística guardam uma relação direta com as alterações observadas no próprio campo literário, desde o aparecimento de novos problemas sobre os limites e fronteiras entre os gêneros até as diferentes formas de enunciação.

³ “[...] desde empresas culturales de tan diverso signo como *Cuadernos Americanos* en México o *Sur* en Argentina, coincidían de todos modos en un quehacer de ‘tierra firme’”.

⁴ “[...] sintetizar en los diversos escritos en los que se materializa las múltiples manifestaciones textuales de las que procede y por las que se ha desarrollado”.

É nesse contexto que é possível situar o escritor argentino Ernesto Sabato (1911-2011)⁵. Seu primeiro livro de ensaios, *Uno y el universo*, foi publicado em 1945 e nele já encontramos muitas das ideias que irão acompanhar o autor ao longo dos anos: forte presença de uma subjetividade, de um “eu”, que expressa de maneira simples seus pensamentos, opiniões e leituras sobre os mais variados assuntos, a forma aforística, o uso do sarcasmo e da ironia, humor e tom polêmico. Além disso, há uma esquematização dos argumentos e uma tendência a reiterar seus pontos de vista, como se com isso pudesse convencer o leitor a adotar suas ideias. Como resultado, até mesmo textos que mais se parecem com aforismos têm uma função, pois além de comunicarem uma ideia, apresentam uma unidade literária, artística, que independe do número de parágrafos ou páginas.

O ensaio sabatiano, no entanto, não se restringe apenas a discutir questões literárias ou estéticas, nele também encontraremos temas de ordem social e política nos quais o autor apresenta, de maneira reiterada, sua preocupação com o que ele chamou de “homem com h minúsculo”, ou seja, o homem comum que vive e morre, muitas vezes, imerso em um isolamento existencial. Ademais, sua obra coloca o leitor diante do desafio de repensar a condição humana na contemporaneidade, resumida na grande questão: que homem foi construído pela modernidade e que modernidade esse mesmo homem construiu? Mesmo que o conceito de modernidade não se apresente de forma explícita na sua obra, ela está carregada de impressões, ideias e vivências que nos fazem pensar sobre o momento que vivemos e o tipo de vida que escolhemos.

De acordo com Sabato, os problemas do homem nascem da sua natureza gregária, já que “vive em sociedade, vive em sistemas, em um sistema de convivência, em meio a situações familiares, de classe social, de castas, de desejos de riqueza ou de poder” (LORENZ, 1973, 63). Assim, ancorado em uma tradição humanista e no estudo crítico da história, os textos sabatianos podem ser vistos como uma defesa contra a barbárie que ameaça o homem. Por essa razão, Sabato tornou-se um “ferrenho crítico das teorias abstratas que colocam o homem em segundo plano, enfocando-o apenas como figurante, quase sem importância” (ROCHA, FONSECA, 2010, p. 72). A partir dessa perspectiva, neste artigo examinaram-se alguns pontos do ideário de Ernesto Sabato,

⁵ Optou-se por utilizar a grafia de Sabato, sem acento, tendo como base as informações presentes na biografia escrita por Julia Constenla que explica tratar-se de um nome originário da Itália, mais especificamente da Calábria (CONSTENLA, 2011). Como muitas obras (brasileiras e argentinas) apresentam o nome do autor com acento, nesses casos, escolheu-se respeitar as informações da ficha catalográfica.

presentes em diferentes ensaios, dando-se especial atenção àqueles nos quais o autor expressa sua preocupação com as mudanças operadas no cotidiano, nos valores e na sensibilidade dos indivíduos e dos povos ao longo das últimas décadas.

O humanismo de Sabato

Quando Ernesto Sabato recebeu o título de *Honoris Causa* pela Universidade Carlos III, em Madrid, no ano de 2002, o responsável pelo discurso de homenagem foi o escritor português José Saramago (1922-2010). Nessa ocasião, ele deixou clara a sua admiração pela obra ensaística do escritor argentino, pois, segundo ele, Sabato e Montaigne, apesar da distância do tempo, da cultura e do lugar, apresentavam muitos pontos em comum e, mesmo quando as diferenças eram consideradas, havia algo que os aproximava. Saramago percebia que enquanto “Montaigne tem uma espécie de ceticismo sereno - pois Montaigne é cético - Sabato também é cético, pessimista, mas não tem serenidade” (SARAMAGO In SABATO, 2004, p. 231, tradução nossa)⁶. Essa falta de serenidade, porém, não era impedimento para admirar a sua lucidez, clareza e pertinência impecável.

Nesse mesmo discurso, Saramago afirma que, apesar de Sabato não se ver como o tipo de escritor que deseja ser escutado, as pessoas o escutam e o compreendem, e o resultado é que a sua obra se tornou modelo de um trabalho silencioso, estimulante e fiel ao que as pessoas pensam. Para Saramago, era como se o pensamento de Sabato estivesse “dentro de uma colmeia, onde é feito, de todas as amarguras do mundo, o mel da compreensão, da reaproximação: o sentido de humanidade e do humanismo” (SARAMAGO In SABATO, 2004, p. 232-233, tradução nossa)⁷. O escritor português encerra esse discurso lembrando que Sabato, ao falar do povo argentino, fala de uma Argentina onde “as pessoas são as gerações sucessivas de um povo com o qual Sabato está profundamente comprometido” (SARAMAGO In SABATO, 2004, p. 236, tradução nossa)⁸.

⁶ “*Montaigne tiene un tipo sereno de escepticismo – pues Montaigne es escéptico –, Sabato es también escéptico, pesimista, pero no tiene serenidad*”.

⁷ “[...] *dentro de una colmena, donde se hace, de toda la amargura del mundo, la miel de la comprensión, del acercamiento: el sentido de la humanidad y del humanismo*”.

⁸ “[...] *el pueblo son las sucesivas generaciones de un pueblo con el que Sabato está profundamente comprometido*”.

Saramago, em sua fala, conseguiu destacar alguns dos pontos mais marcantes da ensaística sabatiana: veemência na exposição de suas ideias, clareza de argumentos, coerência nas posturas adotadas. Assim, quando Sabato se propunha a discutir um tema, ele raramente usava de meias medidas. Ao contrário. Ele se aprofundava, expondo-se a duras críticas e, muitas vezes, à fúria de teóricos das mais variadas vertentes, de escritores e de cientistas⁹. Desse modo, seus ensaios ficaram conhecidos por tratar de questões que, além de gerarem controvérsia, costumavam abordar temas considerados universais. Como explica Castiglioni, em sua obra ensaística Sabato expõe

sua poética, entendendo pela poética, além das técnicas que utiliza em seus romances, suas bases ideológicas, ou seja, suas ideias e sua visão de mundo. Neles o autor reflete sobre o universo, a crise da civilização, sobre a vida, o homem, a literatura. De maneira muito especial, estuda a política e a cultura argentinas, estendendo-se aos hispano-americanos (CASTIGLIONI, 1995, p. 37, tradução nossa)¹⁰.

Sabato via-se como um franco-atirador solitário cujo principal objetivo era combater a dependência da sociedade moderna em relação aos avanços trazidos pela ciência e, conseqüentemente, pela tecnologia. De acordo com ele, nesse processo acabava-se esquecendo o “homem concreto” (h) e suas necessidades, prestando-se mais atenção a uma imagem abstrata da humanidade. Esse afastamento do concreto levaria a um sentimento de não pertencimento que, se por um lado nos faz sentir cidadãos do mundo, por outro nos obriga a pagar o preço de não estarmos totalmente em casa em nenhuma parte do mundo. Ademais, Sabato acreditava que estávamos diante de uma horrível dicotomia porque, ao construir um universo de símbolos matemáticos, o homem de carne e osso estava, lentamente, convertendo-se em um “homem-coisa até a humilde impotência do herói kafkiano” (SABATO, 2011, p. 143, tradução nossa)¹¹.

Para vencer essa separação autoimposta, precisava-se compreender que o homem era, ao mesmo tempo, irracional, contraditório e plural, ou seja, ele jamais teria a “pureza de elementos isolados, tal como ocorre nas análises científicas, pois o homem não é redutível a categorizações, do modo como o são os minerais e os fósseis” (ROCHA, FONSECA, 2010, p. 78). Por isso, Sabato insistia na necessidade de se encontrar algum

⁹ É interessante observar que Sabato, antes de se dedicar à literatura, era doutor em física, tendo ensinado Mecânica Quântica e Teoria da Relatividade na Universidade de La Plata, na Argentina.

¹⁰ “[...] su poética, entendiendo por poética, además de las técnicas que emplea en sus novelas, sus bases ideológicas, o sea, sus ideas y su visión del mundo. En ellos el autor reflexiona sobre el universo, la crisis de la civilización, sobre la vida, el hombre, la literatura. De manera muy especial, estudia la política y la cultura argentina, extendiéndose a lo hispanoamericano”.

¹¹ “[...] hombre-cosa, hasta la humilde impotencia del héroe kafkiano”.

tipo de equilíbrio que permitisse integrar a lógica e a vida, o objeto com o sujeito, a essência com a existência, pois só assim o homem comum (h) seria capaz de unir espírito e matéria e, por conseguinte, sonhar com uma nova sociedade.

Essas ideias estão presentes nos textos sabatianos desde a publicação de *Uno y el universo*. Em 1945, Sabato já expressava sua suspeita e extrema preocupação com uma concepção cientificista que considerava o ser humano uma mera engrenagem em um mecanismo que ninguém consegue enxergar, mas que estava se tornando cada vez mais poderoso e selvagem. Desde essa época, o autor já anunciava as mudanças que ocorreriam no mundo moderno, mudanças que atravessavam todo o espectro da vida humana, provocando reconfigurações profundas, tanto no modo como nos relacionamos, quanto naquilo que caracteriza o nosso eu (GIDDENS, 2006).

Para Sabato, teria sido o aumento da abstração a causa do distanciamento da ciência dos problemas e das preocupações mais urgentes do homem moderno. É como se a ciência, durante a sua evolução, tivesse pouco a pouco apagado as suas origens, esquecendo “as questões do cotidiano que fizeram surgir a física, a medicina, a informática, para pretender que só existe a ciência universal” (FOUREZ, 1995, p. 166). Assim, na visão sabatiana, a racionalidade, aliada ao materialismo e ao individualismo, converteu-se em um “monstro de três cabeças” capaz de reduzir a “educação ao conhecimento da tecnologia e da informática, úteis para os negócios, mas carentes dos saberes e valores fundamentais” (ROCHA, FONSECA, 2010, p. 74).

Nesse processo, diz Sabato, cada vez mais “aquele homenzinho da rua fica insignificante, sua solidão é mais incerta, seu destino na grande civilização tecnológica é mais sombrio” (SÁBATO, 1963, p. 67, tradução nossa)¹². Por isso, Sabato apresentava o racionalismo como um “adorador do abstrato”, pois ao separar a razão da emoção, passava a apoiar a ideia de que só por meio da primeira é possível conhecer o mundo. Uma divisão que tornou os espaços de experimentação, os laboratórios, uma “invenção genial por meio do qual os cientistas controlam o ambiente para que as experiências se realizem segundo as condições previstas pelo paradigma: desse modo, os resultados serão sempre intransponíveis” (FOUREZ, 1995, p. 166). Com a veemência que lhe era característica, dizia para os adeptos do racionalismo permanecerem ajoelhados enquanto “seus anjos de extermínio chegam, em forma de aviões atômicos”, chamando de “divindade secular” a abstração que, apesar de anunciar seu “Amor à Humanidade”, na

¹² “[...] insignificante va siendo ese hombrecito de la calle, más incierta su soledad, más oscuro su destino en la gran civilización tecnolátrica”.

verdade, “está ligada ao mais desenfreado ódio ao homem com minúsculas (SABATO, 2011b, p. 94, tradução nossa)¹³.

O resultado desse movimento foi que se começou a acreditar que “tudo depende de raciocínios que podem ser os mesmos em qualquer lugar e se supõe que o discurso científico obedece a uma racionalidade independente de qualquer época” (FOUREZ, 1995, p. 166). Uma racionalidade que Sabato condenava, pois tudo se resumia a uma disputa entre os que defendiam o domínio da razão e os que advogavam em favor do conhecimento emocional. Um confronto que, em essência, seria uma luta entre o universo físico e o homem ou entre a matéria e o ser humano. No entanto, para Sabato, era absurdo pensar na existência de uma pura irracionalidade ou em uma pura racionalidade quando, na verdade, dentro do homem as duas coexistiam. Em sintonia com as ideias sabatianas, Gérard Fourez explica que se mudamos de opinião é porque em determinado momento “consideramos – de maneira razoável, mas não por pura razão – que uma tal interpretação apresenta inconvenientes *demais*, ou que uma outra é atraente *demais*. A cada vez, a palavra ‘*demais*’ indica um sentimento” (FOUREZ, 1995, p. 79, grifos do autor) ou um desejo que nada tem a ver com uma razão absoluta.

Dessa forma, a questão central do ideário sabatiano era o onipresente temor de a ciência e a máquina tornarem-se deuses aos quais os homens deveriam prestar, não só homenagens, mas absoluta obediência. De acordo com Sabato, a ordem instaurada pela ciência, combinada com o progresso da técnica, revelou que “longe de nos oferecer uma base segura, tornou-nos escravos de uma máquina implacável”, pois, “quando pensávamos que havíamos conquistado o mundo, descobrimos que estávamos prestes a ser esmagados por ela” (SABATO, 1963, p. 179, tradução nossa)¹⁴. Em consequência, os homens acabaram perdendo a noção do divino, do infinito e da renúncia e, ao deixarem de acreditar que são filhos de Deus, tornaram-se, com mais facilidade, as simples peças de uma imensa e misteriosa máquina.

Sabato preocupava-se tanto com o entorpecimento da alma e da sensibilidade porque, para ele, o caos do mundo moderno se refletia em nosso próprio interior, naquilo que nós somos, naquilo em que acreditamos. Assim, a crise pela qual passa a sociedade

¹³ “[...] *llegan sus ángeles de exterminio, en la forma de los aviones atómicos*”, chamando de “*divinidad laica*” a abstração que, apesar de anunciar seu “*Amor a la Humanidad*”, na verdade, “*viene unido al odio más desenfreado por el hombre con minúscula*”.

¹⁴ “[...] *lejos de ofrecernos una base segura, nos convertía en esclavos de una implacable maquinaria*”, pois, “*cuando creímos haber conquistado el mundo, descubrimos que estábamos a punto de ser aplastados por él*”.

moderna não era, segundo o autor, uma crise associada a um sistema econômico específico, mas, ao colapso de toda uma concepção de mundo, baseada na idolatria desse novo fetiche chamado ciência. Daí sua necessidade de pregar contra a tendência à massificação e ao desejo desenfreado de divertir-se, muitas vezes, sinônimo de degradar-se. A origem dos temores de Sabato remete às discussões que surgiram no âmbito da ciência quando a primeira bomba atômica explodiu, no dia 6 de agosto de 1945, no Japão, na cidade de Hiroxima. Debates que estão longe de se esgotar, mesmo que já tenham se passado mais de 70 anos, e que chegam, muitas vezes, ao extremo de sugerir o retorno a uma sociedade agrária avessa a todo e qualquer artefato tecnológico. Uma posição radical em um mundo no qual ciência e técnica parecem estar completamente ligadas, em um “casamento” há muito tempo consumado.

No entanto, Sabato, apesar de seus inúmeros alertas, não era partidário de uma atitude tão drástica, principalmente porque reconhecia as vantagens trazidas pelo progresso da ciência e das novas tecnologias. Suas posições estavam centradas na necessidade de o homem não se tornar apenas mais uma parte nessa Grande Engrenagem, uma parte obscura, impotente e descartável. A batalha de Sabato contra a abstração, trazida pelo crescimento do conhecimento científico, esteve sempre focada na ideia de que a ciência deveria servir ao homem (h) e não o contrário. Quando ciência e máquina foram se afastando para o que ele chamava de “olimpico matemático”, o homem foi sendo gradualmente esquecido e substituído por “triângulos e aço, logaritmos e eletricidade, senoides e energia atômica” (SÁBATO, 1963, p. 68, tradução nossa)¹⁵. Logo, a ciência que Sabato teme e reprova é a ciência desumanizada, pois ela desprezou

o homem concreto, aquele de carne e osso, que não vive em um universo matemático, mas em um canto do mundo com seus atributos, seu céu, seus ventos, suas canções, seus costumes; o canto onde ele nasceu, amou e sofreu, onde suas ilusões e destinos foram acumulados (SABATO, 2007, p. 118, tradução nossa)¹⁶.

E nessa visão, muitas vezes apocalíptica, Sabato atribuía à arte um papel fundamental. Para ele, a arte seria não só capaz de lutar contra os problemas do mundo como também seria a responsável por unir os homens. A escrita de romances, por exemplo, teria uma função quase redentora, pois faz parte, simultaneamente, do mundo da luz e do mundo da escuridão, transformando-se em uma espécie de síntese dessas duas

¹⁵ “[...] *triángulos y acero, logaritmos y electricidad, sinusoides y energía atómica*”.

¹⁶ “[...] *el hombre concreto, el de carne y hueso, que no vive en un universo matemático sino en un rincón del mundo con sus atributos, su cielo, sus vientos, sus canciones, sus costumbres; el rincón en que ha nacido, amado y sufrido, en que se han amasado sus ilusiones y destinos*”.

realidades. Assim, o sentido transcendente da literatura seria mostrar a crise da nossa civilização e realizar a salvação do homem concreto, pois busca

inconscientemente uma nova terra de esperança, uma luz no meio da escuridão, uma terra sólida no meio do dilúvio gigante. Muito foi destruído. E quando a realidade é a destruição, o novelesco só pode ser a construção de alguma nova fé (SÁBATO, 1963, p. 180, tradução nossa)¹⁷.

Caberia à literatura investigar a condição humana, uma investigação que deve ser feroz porque a ausência de ferocidade pode provocar dúvidas sobre o autêntico objetivo dessa investigação. Nesse sentido, o escritor seria uma mistura de psicólogo e pesquisador que utiliza as narrativas literárias para desvendar os mistérios que cercam o homem. Por isso, a insistência de Sabato na ideia de o romance precisar ser necessariamente metafísico, pois por trás dos problemas econômicos, sociais e políticos sempre vai-se encontrar a “angústia, o desejo de poder, a perplexidade e o medo diante da morte, a saudade do absoluto e da eternidade, a rebelião diante do absurdo da existência” (SÁBATO, 1963, p. 264, tradução nossa)¹⁸.

A literatura sempre representou para Sabato uma forma de testemunho e de comunicação, na qual o escritor procurava ir além daquela linguagem que é usada no dia a dia. O autor argentino estava convicto de que em um mundo caótico e em permanente crise, não vamos encontrar melhor meio de expressão do que o romance, pois seus limites são tão imprecisos que nele cabem a meditação filosófica, a pesquisa documental, o aprofundamento do inconsciente, a expressão lírica e, ainda, o pensamento puro e a análise dos sentimentos, tornando-se o romance uma forma de conhecimento tão ou mais importante quanto a elaboração de qualquer teoria científica.

Ao contrário da ciência, as manifestações artísticas, entre elas a literatura, seriam, para Sabato, o caminho mais seguro para restaurar a alma dos fracassos e aflições, pois somente por meio delas os homens serão capazes de “cumprir a utopia a que estávamos destinados” (SABATO, 2000, p. 79, tradução nossa)¹⁹. Portanto, na arte estaria o antídoto para o entorpecimento da alma e da sensibilidade do homem contemporâneo. Por meio dela, combater-se-ia a desordem do mundo moderno, impedindo que nosso

¹⁷ “[...] *inconscientemente una nueva tierra de esperanza, una luz en medio de las tinieblas, una tierra firme en medio de la gigante inundación. Se ha destruido demasiado. Y cuando lo real es la destrucción lo novelesco no puede ser sino la construcción de alguna nueva fe*”.

¹⁸ “[...] *la angustia, el deseo de poder, la perplejidad y el temor ante la muerte, el anhelo de absoluto y de eternidad, la rebeldía ante el absurdo de la existencia*”.

¹⁹ “[...] *cumplir la utopia a la que fuimos destinados*”.

interior seja ocupado na proporção exata da nossa inserção no universo das fantasias industrializadas.

Considerações finais

De qualquer tema pode nascer um ensaio. Afinal, o ensaísta conta não só com o seu cotidiano, mas com milhares de anos de história da humanidade. Porém, como o ensaio deve, de alguma forma, transcender ao superficial, é preciso que o ensaísta seja autêntico, pessoal, a ponto de conseguir misturar o autobiográfico com o ensaístico. Ele precisa lembrar que o seu leitor, não só está atraído pelo assunto, como também se interessa pela força da sua personalidade. Além de expressar o que sente, o ensaísta necessita expor o processo de aquisição desses sentimentos; por essa razão, geralmente está presente o “eu” do autor empírico, adquirindo o ensaio um tom, muitas vezes, confessional. Portanto, o ensaio deve permitir que a “totalidade resplandeça em um traço parcial, escolhido ou encontrado, sem que a presença dessa totalidade tenha de ser afirmada” (ADORNO, 2003, p. 35).

Nesse sentido, vamos encontrar na ensaística sabatiana uma autêntica representação, tanto do ato de pensar, como do ato de dialogar. Recorrendo a uma das características do ensaio, à liberdade de projetar sua personalidade e valer-se de suas intuições, Sabato mantém um diálogo aberto não só com o mundo das ideias, mas também com o seu leitor, instaurando uma subjetividade que é produto das circunstâncias da época na qual vive. Em seus textos, há, ao mesmo tempo, a comunicação de uma experiência de mundo, assim como um convite a participar de uma verdadeira aventura intelectual, na qual não importa apenas o que ele diz, mas, principalmente, como diz, conduzindo-nos a um imaginário que, ao reinterpretar determinados elementos, constrói um mundo no qual estão em vigor regras ou normas próprias.

Nos ensaios, fica evidente a preocupação de Sabato com o surgimento de um certo tipo de ser humano que essa “modernidade maquinal vem produzindo: um homem solitário e vazio, carente e angustiado porque se percebe afastado do outro” (ROCHA, FONSECA, 2010, p. 76). Esse afastamento, incrementado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, colocaria em risco valores ligados à magia do mundo, dando origem a indivíduos carentes daquela satisfação que o lado mítico da vida pode oferecer. As angústias do autor se projetam de tal maneira que acabam acentuando os aspectos mais negativos, perigosos e destrutivos dos conceitos sobre os quais foca a sua argumentação.

A forma como Sabato aborda temas como a morte, a existência, ou não, de Deus e os monstros criados pelo progresso científico, trazem à tona uma negatividade e um pessimismo que podem levar o leitor a pensar que não há soluções para os problemas que nos cercam.

Contudo, Sabato acreditava ser possível vencer as circunstâncias que poderiam tornar o homem uma peça em uma engrenagem invisível, mas extremamente perigosa. Um caminho seria reconhecer a necessidade de colocar a ciência e a tecnologia a serviço da humanidade, aceitando que se não podemos prescindir dela, temos ao menos de estabelecer com clareza seus limites e atribuições. Por isso, ele insistia que era preciso atribuir um sentido mais humano à técnica e à ciência, impedindo que elas se tornem um novo mistério que o homem comum seria incapaz de compreender. Seu discurso sempre foi no sentido de chamar a atenção para o perigo da ciência fechar-se sobre si mesma transformando-se em uma torre de conhecimento à qual o homem comum não tem acesso. Como ele explica em *España en los diarios de mi vejez* (2004), seu último livro de ensaios, publicado quando já estava com 93 anos, a vida “reduzida ao material, cai em um fascismo opaco que aborta o melhor da existência por causa deste absolutismo de ‘realidade’ que estupidamente adoramos hoje” (SABATO, 2004, p. 20, tradução nossa)²⁰.

A outra forma de se opor a esse movimento que o progresso científico impõe a humanidade seria valorizar a arte. Assim, quando Sabato escreve sobre a criação artística, o faz atribuindo a ela qualidades mágicas: “A criação é mágica e fundamentalmente irracional; então não deveria surpreender a influência que certos fatos e até mesmo certos objetos têm sobre ela tornando-se quase fetiches” (SÁBATO, 1963, p. 28-29, tradução nossa)²¹. Para o autor argentino, a arte nasce de uma necessidade humana de expressar e comunicar um desejo de eternidade; uma necessidade que tem sua origem na urgência de perpetuar um amor, uma ilusão ou uma lembrança. Além disso, vê na criação artística uma forma de expressar o que há de mais obscuro e profundo na alma humana, uma maneira de ver o mundo a partir de uma sensibilidade intensa e curiosa. Trata-se de uma comunicação que só pode existir entre os homens, tornando-se um instrumento de resgate da unidade perdida, já que elimina essa enorme brecha que separa os seres humanos.

²⁰ “[...] *reducida a lo material cae en un fascismo opaco que aborta lo mejor de la existencia en aras de este absolutismo de la ‘realidad’ que hoy adoramos estúpidamente*” (Tradução nossa).

²¹ “*La creación es mágica y fundamentalmente irracional; así que no debe asombrar la influencia que tienen sobre ella ciertos hechos y hasta ciertos objetos que se convierten casi en fétiches*”.

Nesse sentido, Sabato atribui à literatura uma função primordial. Nela, encontraremos o testemunho mais completo e integral da realidade, ao mesmo tempo que sua hibridez e natural ambiguidade lhe dão vantagem sobre as outras formas de arte. Sabato dizia que ao escrever romances o homem explicava ao mundo quem ele era e o que esperava da vida. Segundo ele, em toda a grande obra literária há uma cosmovisão própria que não implica necessariamente estar o escritor defendendo um determinado conjunto de ideias. No entanto, mesmo que não seja de forma explícita, na obra literária essas ideias estarão presentes porque o autor está imerso em uma cultura na qual transitam conceitos que podem ser dominantes ou rebeldes ou, ainda, os restos contraditórios de velhas ideologias. E como no romance estão presentes o objetivo e o subjetivo, ele torna-se a forma de arte que está em melhores condições de captar a realidade como um todo, pois até mesmo nos romances mais subjetivos não se pode prescindir do mundo e das pessoas.

Portanto, como demonstra em seus ensaios, Sabato buscava um equilíbrio entre a objetividade, a lógica e as certezas da ciência e a subjetividade, a magia e as incertezas presentes nas diferentes manifestações artísticas. Assim, se o homem de ciência se preocupa em desvendar os segredos da natureza, o homem que se dedica às artes deve ser capaz de intuir os valores eternos presentes no drama social e político de seu tempo e lugar. Além disso, o artista é aquele que mais se aproxima da unidade, transformando-se em uma espécie de “monstro”, metade homem e metade mulher, herdando do primeiro sua capacidade de transcender a subjetividade, aventurando-se na descoberta de outros mundos, e da segunda, sua tendência à unicidade e ao contato com a fonte original. Dessa forma, para Sabato, a obra de arte, ao apresentar-se como um espaço intermediário entre o inconsciente e o consciente, entre a sensibilidade e a inteligência, representava uma tentativa de criar algo novo dentro de uma realidade que, por natureza, é infinita, em um universo finito.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas e literatura I**. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASTIGLIONI, Ruben Daniel Méndez. **Historia y circunstancia: Ernesto Sábato, el hombre y su literatura**. Porto Alegre: PUCRS, 1995 (Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras e Artes).

CONSTENLA, Julia. **Sabato, el hombre**. La biografía definitiva. Buenos Aires:

Sudamerica, 2011.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UNESP, 1995.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

HÜLSENDEGER, Margarete J. V.C. **Os caminhos e descaminhos da ciência na obra de Ernesto Sabato**. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020.

LORENZ, Günter. **Diálogo com a América Latina**: panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.

ROCHA, Rodrigo Carlos da, FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. Condição humana e modernidade na obra de Ernesto Sabato. **Revistainter-legare**, UFRN, n. 6, 2010, p. 68-81.

SÁBATO, Ernesto. **El escritor y sus fantasmas**. Buenos Aires: Aguilar, 1963.

SABATO, Ernesto. **La resistencia**. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

SABATO, Ernesto. **España en los diarios de mi vejez**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

SABATO, Ernesto. **Uno y el universo**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006 (Edición especial para La Nación).

SABATO, Ernesto. **Apologías y rechazos**. 3ª Edición. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.

SABATO, Ernesto. **Heterodoxia**. Buenos Aires: Seix Barral, 2011 (Edición especial para La Nación).

SABATO, Ernesto. **Hombres y engranajes**. Buenos Aires: Seix Barral, 2011 (Edición especial para La Nación).

SARAMAGO, J. Palabras de José Saramago en la recepción del Honoris Causa que se le otorgó a Ernesto Sabato por la Universidad Carlos III. In: SABATO, Ernesto. **España en los diarios de mi vejez**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004

WEINBERG, Liliana. El ensayo latino-americano entre la forma de la moral y la moral de la forma. **Cuadernos del CILHA** – ano 8; n. 9, 2007, p. 110-130.

THE ART OF RESISTING IN ERNESTO SABATO'S ESSAYS

Abstract

The essay occupies a prominent place as a link and articulation between the literary and the intellectual field. The genre, over time, has shown a growing vitality and importance, especially in hispanic America, where it has undergone a series of transformations that are in line with the new thematic and formal demands. In this sense, the essay has become a project in which great writers and intellectuals have participated and participate, among them the argentinian Ernesto Sabato. His essays, in addition to addressing issues related to literature, present themes of a social and political order in which the author places the reader before the challenge of rethinking the human condition in contemporary times. Although the concept of modernity does not appear explicitly in his work, it is full of sensations, images and feelings that make us reflect on the moment we live and the lifestyle we choose. In this article, some aspects of Ernesto Sabato's thought present in different essays were analyzed, paying special attention to those in which the author expresses his concern with the changes made in daily life, in the values and sensitivity of individuals and peoples in the last decades.

Página | 81

Keywords

Ernesto Sabato. Essay. Humanism. Literature. Science.

Recebido em: 12/08/2020

Aprovado em: 28/09/2020